

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.ºs, 23000; 50, 11000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.ºs, 23250; 50, 11125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.ºs (moeda forte), 43500 réis.—Pagamento adiantado.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

NUMERO AVULSO, 20 REIS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Administração, rua do Espirito Santo, 71

AVEIRO

EM BOLANDAS

O ministério e a cõrte esforçam-se por navegar no mar bravio que se lhes offerece na frente.

Suas magestades vão ao Porto. Mas levantam-se opposições e attrictos que talvez ainda dêem com a viagem em pantana. Apesar do sr. ministro do reino ter mandado dizer que suas magestades não querem faustos nem manifestações dispendiosas, os tripeiros sacodem as orelhas fazendo má cara. E' vêr o *Primeiro de Janeiro* que não diz senão o que calha no gosto do publico para não deixarem de lhe calhar os cobres na algibeira. O *Primeiro de Janeiro* que se mostra de má catadura é porque o Porto carrega a sobranceira.

Já se fala em que os operarios ameaçam abandonar os estabelecimentos se a familia real os visitar e no momento em que o fizer, accrescentando-se que um importantissimo industrial irá até ao extremo de não admitir a comitiva régia, se esta tentar bater-lhe á porta. E' possível que nada d'isto succeda. O sr. ministro do reino, que não é bronco, ha de se ter prevenido. Mas o que é certo, sobre isso não ha duvidas, é que o céo conserva-se um pouco tolhado. O proprio presidente da camara municipal do Porto responde tão frio, tão frio, á carta do sr. Marianno, e tão receioso se apressa a tocar no sino da caridade, que é de causar arrepios á gente.

Por outro lado as difficuldades do governo cada vez o assoberbam mais. A reforma municipal dá-lhe amargos de bocca. E a culpa é sua. Os republicanos estavam muito desprestigiados com a sua immoralissima administração municipal, que brada aos céos, constituindo um escandalo de *pr meirissima* grandesa. Se o governo explora habilmente essas immoralidades, sem ferir susceptibilidades liberaes e franquias populares, dava d'esta vez um cheque no partido, e na unica cidade em que elle tem verdadeiras forças no paiz. As immoralidades eram de tal ordem que patentes ao publico e bem desfiadas constituíam uma arma decisiva de terrível propaganda. O governo, porém, não procedeu assim. Deixou-se obcecar pelo facciosismo monarchico. Feriu profundamente os sentimentos democraticos da cidade de Lisboa. De fórma que se não lhe valer alguma imbecilidade republicana, uma constituição de lista com nomes fraquissimos ou com os proprios que tem vivido das especulações do municipio, arrisca-se a apanhar uma derrota completa. E não seremos nós que o lamentemos!

A reforma do ensino industrial tambem veio levantar barulhos. E a projectada redução dos juros das inscripções é que lhe vae então dar agua pela barba. E' a bancarrota. Não total, mas parcial. O governo poderia facultar o embolso do valor das inscripções, como se fez em França ha poucos annos, a quem não se quizesse sujeitar á redução dos juros, e assim deveria ser. D'esse modo, o caso mudava de figura. Mas como o ha de fazer, sem vintem e com o valor das inscripções depreciado como está?

E', pois, a bancarrota genuína, sem mistura. Começam os recursos extremos. Terá a monarchia força bastante para os executar? Governo e rei serão capazes de parar a onda temerosa que se lhes ergue deante?

Veremos isso. Mas a situação agrava-se hora a hora.

Pedro Cardoso concorda que é garoto. Mas não concorda que é ladrão. Ora nós lhe dizemos: ha varias gradações e varias maneiras na arte de furtar. O padre Vieira escreven muito bem a esse proposito. O garoto não conhece nem lén o dicto padre. Mas tem a sciencia pratica, intuitiva e innata, que supre bem a outra. E assim sabe que ha ladrões que vão á vinha e outros que ficam ao portal; ha ladrões d'estrada; ha ladrões d'emboçada; ha larpios; gatunos; ratoneiros, etc. O Pedro Cardoso não quer ser um ladrão. Pois concedemos-lhe que seja um larpio. A palavra realmente é mais sonora, mais bonita de pronunciar. Não quer ser homem de bacanarte. Quer ser

menino de mãos limpas, subtile, que entram e sahem da gaveta sem ninguem o perceber, mãos de quem foi perito em escamar besugos, para dizermos tudo em poucas palavras. Pois seja assim, admittimos. E então vamos a isso.

Olhe lá, já que se resolveu a abrir a bocca porque não nos conta a grandissima tramaioa do Centro Democratico de Coimbra? Como é que você, sen tratante, seu *topa a tudo*, seu menino esperto em berliques e berloques, seu *democrata* zelador e puritano de principios, atraçou os republicanos como atraçooon os socialistas? Como é que você, seu patife, que blasona ahí d'indendencia e de republicanismo, matou aquelle centro, como ha de matar tudo, se poder, que venha aos seus interesses? Como é que você se apoderou da casa? Conte-nos essa *lealdade*, illustre confrade do Vieira e illustradissimo discipulo do Santos Viegas.

Como foi que o *peçogoninho* de outros tempos herdou a mobilia do centro, os quadros, os escudos e até a estatua da liberdade que lá estava?

Fale. Não lhe tínhamos nós dicto que o que queriamos era que você falasse e outros que taes como você? Retirar letras! Não retire coisa nenhuma. Ponha, po-nha. Que o nosso fim é exactamente demonstrar de quanta escoria vil, de quanta reles malandragem, de quanta ignobil garotada, de quantos reptis nojentos se compõe a *casta dirigente* do infeliz partido republicano portuguez. Infame bandidismo, que fala das corrupções da monarchia, quando tem em casa quanto ha de mais repellente n'esse genero. Parasitismo horroroso, composto todo elle d'empregados em condições escandalosas, de agiotas, d'especuladores, de *chantageiros*, de bandidos, e que não cessa de encher a bocca com moralidade e com justiça.

Falae todos, miseraveis. E ou no partido republicano haverá a força de reacção indispensavel para vos correr em breve a pontapés, ou a causa do paiz não será mais uma vez atraçoada e fementida.

D'este pé não sahiremos.

Elles fazem réclames a Marianno de Carvalho para vêr se os fundos sóbem, se as acções do Banco Lusitano não se perdem, se as fabricas d'algodões rendem alguma coisa, e se Marianno os salva d'irem bater com os ossos na cadeia.

Elles passam a descompôr Marianno quando os fundos descem em vez de subirem, quando os algodões se tornam em farrapos, quando as acções do Banco Lusitano continuam em pantana e quando o Limoeiro abre a bocca fera para os engulir!

Elles contam com Marianno para a revolução e assim o dizem em missivas reservadas aos amigos e em segredinhos de mysterios.

Elles atiram terra para o ar quando Marianno, em vez de revolução, lhe dá a reforma do municipio de Lisboa!

Elles confiavam em Lopo para os mesmos negocios de chinfri-neiras e revoltas. O mundo attento ouvia-os a contar planos formidaveis de espantosa empalmacão sobre a restauração da carta de 38.

Elles ameaçaram Lopo com o candieiro, quando Lopo em vez de carta lhes deu perspectiva de espadeirada municipal!

Elles querem que se queime o padre Sopas.

Elles querem uma estatua para o Santos Cardoso!

Elles falam em economias, em justiça, em moralidade, em coisas lindas.

Elles vivem d'empregos desnecessarios e inúteis, com ordenados fabulosos, preterindo empregados honestos e trabalhadores!

Elles falam d'especuladores e parasitas.

Elles vivem á custa do municipio de Lisboa, de mil modos e feitos!

E depois chamam-nos *calumniador do partido republicano*, enchendo a bocca na sua sinceridade, na sua *boa fé*, nas suas convicções, nos seus principios.

Assim o faz, entre outros, Pedro, successor e parente do Santos Cardoso.

Mas não é só elle. Os Pedros são muitos. E' toda essa pelintra-gem a que nos temos referido.

Isto d'um homem, que tem consciencia de si, que trabalhou, que se sacrificou, estar a arredar

com o pé uma garotada ignobil, sem capacidade, sem brios, sem seriedade, nojentos como lacraus e feios de espirito como um sapo, causa tedio na verdade. Mas quando a bicharada é apenas um instrumento de moralisação e de justiça, a satisfacção de consciencia compensa bem o nojo do espectáculo indecente.

Venha prosa. Que d'ella faremos o canterio das vossas chagas lazarentas.

E ganhareis com isso, lazarus, mais a sociedade, que não vos pôde olhar no estado immundo em que viveis!

CUNHA E COSTA

Mostrámos n'outro dia, com argumentos, com provas, quanto havia de pulba na conducta d'esse misero farçola, que os seus camaradas, e toda a gente que o conhece, nunca tomaram senão á conta d'um bobo de comedia, incapaz d'um acto de talento e muito menos d'uma acção de confiança e seriedade.

Não o provocámos, como não provocámos nenhum dos da sua igualha, os quaes, de ha muito o dizemos, não nos merecem, nem uma sacudidella com a penna, nem uma puxadella nas orelhas. E' tudo quanto ha de mais porco no mundo moral, e o sr. Christo orgulha-se de ter bastante dignidade e a precisa representação e consideração, no meio honesto em que procura viver, para se emporcalhar no contacto d'uma quadrilha de sicarios, que tudo assassina e tudo compromettem: —o senso commun, a coherencia, a fidelidade dos principios, a pureza das convicções e a honra.

Mas, por uma indignação que é natural em quem tem ainda consciencia, por uma civica abnegação que é inherente a todos os homens que tem crenças, e amor á sua terra, tomámos a peito chafurdar na lama, expôr á irrisão publica, escorraçar, obrigar a que se recolham aos bordos, d'onde nunca deveriam ter sahido, todos esses dissolutos, que não duvidam conspurcar uma causa de justiça para servir sorridos interesses e vilissimas especulações.

Não é por nós que os repelli-

estava doente. Comecei a seguir as regras da casa, e a tomar o meu lugar na igreja. Nunca me esqueci do papel nem da joven irmã a quem o confiei; estava certa de que ella não tinha abusado d'este deposito, mas que o não tinha guardado sem inquietação. Alguns dias depois da minha sahida da prisão, no côro, no mesmo momento em que lh'o tinha dado, isto é, quando nos ajoelhámos e inclinadas umas para as outras ficámos como immoveis nos bancos, senti puxar docemente a saia. Estendi a mão e dêram-me um bilhete que apenas continha estas palavras: "Como me inquietei por tua causa! E o que queres que faça do papel?...". Depois de ter lido isto, amassei-o nas mãos e enguli-o. Tudo isto se passou no principio da quaresma.

(Continua.)

23 SOLHETIM

DIDEROT

A FREIRA

Quando acabei de descer taes escadas tinha os pés ensanguentados, as pernas pisadas; estava n'um estado de commover as pedras. Entretanto abriram com uma grande chave a porta de um pequeno quarto, subterraneo, escuro, onde me atiraram para cima de uma esteira que a humidade já tinha quasi apodrecido. Alli, n'aquelle tristissimo subterraneo, achei um bocado de pão negro, uma bilha d'agua e algumas vasilhas necessarias, mas grosseiras. A esteira enrolada n'uma

das pontas servia de travesseiro. Havia tambem no dicto quarto, em cima de um bocado de pedra, uma caveira, com um crucifixo de madeira. Ao vêr tudo isto, a minha primeira ideia foi dar cabo de mim; levava as mãos á garganta, rasgava o vestido com os dentes, dava gritos horrorosos, uivava como uma fera; dava com a cabeça pelas paredes; puz-me toda em sangue; procurei arruinar-me até que as forças me faltassem, o que pouco tardou. Passei tres dias n'este martyrio; julguei d'alli não sahir mais. Todas as manhãs vinha uma das minhas executoras dizer-me: — Obedeça á superiora, e sahirá d'ahi.

— Não fiz nada, não sei o que me pedem. Oh! irmã santa Clemente, e ha Deus!...

Ao terceiro dia, pelas nove horas da noute abriram-me a porta; eram as mesmas religiosas que me

tinham conduzido. Depois de me elogiarem as bondades da superiora, annunciaram-me que ella me perdoava e que eu ia ser posta em liberdade.

— Já é muito tarde, deixem-me estar, quero morrer aqui. Entretanto levantaram-me, e arrastaram-me para a minha cellula, onde encontrei a superiora.

— Consultei Deus sob a sua sorte; fallou-me ao coração: quer que eu tenha piedade de vós e eu obedeço-lhe. Ajoelhe-se e peça-lhe perdão.

— Meu Deus, peço-vos perdão das faltas que cometti, como vós proprio pedistes na cruz por mim.

— Que orgulho! gritaram todas; compara-se com Jesus Christo, e a nós com os judeus que o crucificaram.

— Não se importem commigo, considerem-se e julguem-se.

— Isso não é bastante, disse-me

mos. Talvez que n'outro tempo tivéssemos ainda a ingenuidade de nos julgarmos offendi-do com o que nos dizem esses vis quadribreiros, pedindo-lha, com um chicote, a satisfação dos seus insultos. Hoje não. Arredá-os-hemos com o bico da bota e passaremos tranquillo para deante. Ai d'elles, se os encontrámos, por acaso, atravessados no caminho! Mas, enquanto nos ladrarem ás canellas, que fiquem em paz, na sua insignificancia e na sua vilzeza.

Este Cunha e Costa é uma d'essas sujas creaturas. Deparou-se-nos um dia n'esta redacção, desbarretando-se humilde deante de nós. Encheu-nos d'elogios, d'encômios, de altisonantissimas homylas. Quem era? Não sabemos. Mas todos nos diziam do lado:— «colhe que é um tratante, não se fie n'elle.» Todos. Elle appella hoje para o testemunho dos estudantes de Coimbra. Pois faz bem, na certeza de que nem um só deixou sempre de nos declarar:—«não temos confiança n'elle.» Nem um só! Não encontrámos nenhum que se não admirasse da *supposta* confiança que lhe davamos. Nenhum deixou receioso de nos vir dizer:—«veja lá, não lhe confie segredos.»

Todos, com tal tenacidade que muitas vezes a contámos, admirado, aos nossos amigos.

Todos e tudo. Até o Fontes, até o Elysió, esses dois mariolões que fazem agora causa commum com o tratante.

Passaram-se os mezes. E o grilheta sempre humilde, sempre prompto a beijar nos os sapatos. Sempre de lança em riste contra aquelles que na imprensa combatiamos. O *Povo de Aveiro* ahí tem muitos artigos para o attestar. E melhor o provarão as cartas do miseravel bandeirinha que conservámos, como *reliquia*, em nosso poder.

E porque era isso? Porque era tanto amor, tanta blandicia? Porque o intrujão, como tantos outros, não tinha em mira senão os seus interesses. Porque o intrujão, como tantos outros, só veio para a Republica quando o sol ia nascendo. Porque o intrujão julgou-nos o mais forte dentro do partido e começou logo a escourear os mais fracos para adquirir melhor direito á recompensa.

Porém os tempos mudaram, ou julgou elle que tinham mudado. Aborrecido com aquella vergonha do Porto, resolveu desde logo não gastar mais cera com defunctos. E fomos dando de mão a uns e a outros. E deixámos muito de proposito crescer a onda contra nós.

Não foi preciso crescer muito. Cunha e Costa, assim que a viu um pouco agitada, temendo perder duplamente, pelos elogios que a nós nos tinha feito e pelos coices que aos outros tinha dado, preparou-se de mala feita para a viagem.

Infamemente, com a perfidia do caracter apelintrado que elle tem, foi-nos mettendo á sorrelfa, n'esta redacção, sem consulta do seu redactor principal, nem de ninguém, a ver se por acaso escapava, um artigo indecente, que era a condemnação de toda a politica do jornal e a censura de tudo quanto aqui se tinha dicto. Condemnava-se a si proprio, é certo. Censurava as suas proprias palavras, não ha que duvidar. Mas, porventura, é susceptivel de rubor aquella cara deslavada? Tem alguma vergonha, aquelle biltre?

Desmascarára-se, o tartufo. Indignado, pedimos ao proprietario do *Povo de Aveiro* que o pozesse fóra da porta d'esta redacção. E, n'uma carta, sem insultos nem palavras descompostas, desprezadora e secca, demos por terminada a sua solidariedade politica commosco.

O que se seguiu é de todos conhecido. Associando-se á canalla, que não tendo um unico facto de que accusar o sr. Christo, se limita a um jogo covarde e vil

d'encrusilhada, foi-nos dirigindo insidias e accusações encapotadas. Que fizemos nós? Apenas lhe notámos, com as suas proprias palavras, a incoherencia, a desvergonha, a desfaçatez do seu caracter. D'esse misero pelinirão, que depois de nos ter mandado um artigo para o numero do *Povo de Aveiro*, que as auctoridades prohibiram, em que dizia quanto havia de Santos Cardoso e quejandos, declara hoje que se fez partidario da revolta desde que começou a pensar nos *honestos precedentes dos conspiradores*. D'esse dançarino, sem estatua na alma nem no corpo, que depois de ter chamado, aos *garcias*, os monarchicos da republica, declara n'este instante que *nunca* foi *contra elles* nem por elles. D'esse reles comediante, que depois de ter affirmado abertamente que o partido caminhava *ovante para a victoria depois dos grupos se terem separado*, accusa hoje de *traidores e vendidos* ao governo os que, segundo elle, procuram *dividil-o*.

Traidor, vendido ao governo!

Ha um pulha sabido hontem dos bancos das escolas, que sem arriscar a minima coisa da sua pessoa, sem o minimo serviço da sua cabeça ou do seu braço, antes ao nascer para a politica já se apresenta com tantas impuresas de caracter, tantas incoherencias, tantas desvergonhas, ha um pulha d'essa ordem, que se atreve, de parceria com um mariolão—um *preguiça*, de parceria com um idiota e um brejeiro—um Fontes, e tantos outros imbecis e especuladores da mesma laia, a chamar traidor e vendido a um homem que cem vezes arriscou a sua posição, que a comprometteu horrivelmente, que nunca sugou cinco réis ao estado, que gastou do seu bolso rios de dinheiro, para servir, nobre e lealmente, a causa que todos esses miseraveis descreditarão e perderam! Ha um troca-tintas sem valor nenhum, que nem o tem, nem o terá, que leva a petulancia até dizer, desdenhosamente, que com o sr. Christo não discute! Ha um sr. rafaçal, que appareceu em Aveiro a fazer momices, um macaco, que nunca passou de ser um molivo de riso para todo o mundo, que leva a ousadia até declarar que o homem que fundou o partido republicano em Aveiro, que lhe deu alentos, que o salvou sempre do descredito da insignificancia, que o sustentou cincoenta vezes com a sua penna e com o seu trabalho, que o encheu de gloria em combates successivos, permita-se-nos este desafoço que é justo, combates onde a sua pessoa nunca entrou sem tremendos perigos e responsabilidades, não tem ninguém ao pé de si na sua terra, n'este instante em que os echos da sua voz de razão e de tino, ainda sobrelevam, nos desastres que ahí estão fulminantes aos olhos de todos, ao immenso coaxar das rãs e ao repetido escocear dos asnos! N'este momento em que tantos soffregos disputam comedorias e empregos, enquanto elle, que tudo rejeitou e tudo perdeu, marcha serenamente a cumprir o seu dever.

Não tem ninguém ao pé de si! E que nos importa a nós? De ignominias d'essas está cheia a historia d'esta terra. Talvez que já agora as não queira desmentir. Nem ao menos vê, o misero canalla, que não é a nós que elle nos fere, mas aos republicanos aveirenses, que suppõe tão ingratos, tão mesquinhos, tão vis, tão insignificantes e tão pulhas como a tripeça de Cunhas, Fontes e Elysió! E tudo aquillo dicto na *Voz Publica*, no papel d'um negro, que appellava para uma nacionalidade estranha a esta a fim de fugir ás responsabilidades da conspiração em que tinha andado envolvido, e onde collaboram outros heroes da mesma laia. Elles, que se escapavam da cadeia á custa de mil em-

penhos, de mil covardias, de mil humilhações. O sr. Christo, que marchava para lá com denuncias de Fontes (!), Salgados e Carloses e que lá se conservava sereno até ao fim. E os heroes são elles! E o traidor é o sr. Christo!

Repetimos, não cuspiamos no rosto de nenhum porque seria lançar em coisa muito suja o nosso cuspo. Não o costumámos deitar a montureiras. Mas veja o publico a quanto desceu essa infamia, que promete para ahí salvar a patria e a Republica.

Que vergonha. E que decepção!

Recebemos uma carta a perguntar-nos se é certo que lá fóra se considera o Fontes, realmente, como homem capaz d'alguuma coisa.

E' certissimo. Por mais inverosimil que pareça aos aveirenses, esse ponto sob nossa palavra o garantimos.

O Cunha e Costa é considerado no Porto chefe do partido republicano aveirense e parece que está designado para governador civil de Aveiro, quando vier a revolução. O Fontes, esse é tido como o homem d'acção, o cabeça forte. Todos se lhe curvam. Tanto que apresentou uma larga lista d'exterminio e proscricção no funcionalismo aveirense e acceitaram-lh'a, lembrando-lhe, entretanto, a conveniencia de nos ir tambem despachando para o outro mundo, se podesse. O Fontes andou a matutar. Se nos eliminasse antes da revolução então é que era! Por ora não ponde, mas para entreter a expectativa e a influencia no Porto e Lisboa, mandou dizer para lá que o redactor do *Povo de Aveiro* tinha cahido ao mar, ficando muito maltratado.

Houve alegria geral. Morreria o bicho d'esta vez? Vieram telegrammas a perguntar. Fontes respondeu:— «escapou d'esta, mas deixem-n'o estar que está por minha conta.»

Agora o resto. Diz o auctor da carta que a culpa é nossa. Que quem deu auctoridade a Fontes e outros fomos nós, porque de mais ninguém a tinham. Que já sabiamos quem Fontes era. Que já tinhamos sido victima das suas intrigas e calumnias. E, portanto, que não temos desculpa nenhuma.

Lá n'essa parte tem muita razão. Queremos ser justos a começar por nós. Ahí dê-nos para baixo que dá em cheio. A consolação que nos resta é que ainda estamos em tempo de aprender.

Havemos de aprender, olé! E Fontes não passará de cabo de policia, olé tambem!

Deixar correr o marfim, mais as illusões da tripeça cá da terra.

Pedro Cardoso diz que não tem que dar satisfacções sobre a sua *evolução* de socialista para republicano radical, de republicano radical para republicano conservador, de republicano conservador para *garcia* ou para quem lhe deixa montar jornal bi-semanal á custa do Centro Democratico de Coimbra, como ánanhã passará para os iniguelistas ou para quem lhe dér sópa e lhe fizer arranjo.

Um biltre, na accepção mais genuina da palavra.

Pedro accrescenta que é certo ter-nos considerado, mas que não nos deu vivas em Aveiro quando faziamos aquillo que tanto lhe *arrepella o coração*, isto é, quando descompunhamos os republicos que ainda então não lhe pagavam, nem lhe montavam jornal á cussa albeia.

Considerado não. Hoje é que n'os nos consideras. Não é parat isso que o caso vem á baila. E' simplesmente para demonstrar que és um mariola de tal ordem que honrando-nos hoje com as tuas baboseiras a proposito de descompormos os republicos, deshonravas-nos hontem com os vivas quando nós descompunhamos

mais do que nunca os que te trazem alugado n'este instante.

O loiro e dulcissimo tratante, então não nos dêste vivas no percurso do cortejo de José Estevão, quando ias enfileirado no quadro typographico de Aveiro? Só se queres dizer que vivas e coices é para ti a mesma coisa. Vivas, vivas! E deu-nos vivas, o maroto! Grande fatalidade nos persegue.

Quanto aos que comeram as sôpas de Emygdio Navarro para lhe darem depois com os pratos na cara, o mesmo profundo e tenebroso silencio do Vieira! E' de metter medo á gente.

Escreve um patacoada, amigo e collega do Zé Cunha:

«... o sr. Marianno de Carvalho promettera uma reforma da lei de imprensa e a annullação de todos os processos em andamento, promovidos pelo ministerio publico.

... o sr. Marianno de Carvalho promettera conceder uma amnistia geral para todos os implicados na revolução do Porto, excepto para os considerados chefes, que, por enquanto, apenas seriam indultados, reservando-se para mais tarde uma amnistia total.

Taes foram as condições offerecidas pela monarchia para que nós tivéssemos juizo.

... eis-nos agora ludibriados.»

Este é de boa raça: ainda tem a ingenuidade de o confessar!

Mas confessa mais, ou antes, dá a entender que se não fosse essa *benevolencia* teria rebentado, em cima da crise economica, a *revolução*. Essa agora! Então com a *revolução* não tinham *amnistias* e tudo que quizessem? Então já largam a Republica por amor do sr. Marianno de Carvalho?

E' famoso, isto!

Emfim, o mesmo patacoada chama *carrasco*, *Telles Jordão*, *covarde martyrisador de presos* ao commandante do forte de Sacavem, accusando-o de ter matado com maus tratos um dos soldados que alli estavam.

Ora o official commandante do forte de Sacavem, que nós conhecemos como as palmas das nossas mãos, além de não ter facciosismos politicos de qualidade alguma é, sem exaggero o dizemos, uma das melhores pessoas do mundo, conhecido pelo seu caracter extremamente bondoso, tolerante, pacifico, embora valente, incapaz de matar uma mosca, quanto mais de maltratar um preso.

Sempre patacoadas! Sempre ridiculos!

Não nos respondem!

Nós damos-lhes como quem dá em canteio verde. Mas com factos, com provas, com argumentos convincentes, sem mysterios, sem evasivas, sem insinuações, sem subterfugios. Mas, elles, coitadinhos, não nos respondem. Cantam a Maria Cachucha!

Isto é, mais tarde respondem. Para a lua cheia!

Estás lá ou és de gesso?

Asnos inteiros.

NOTICIARIO

Anda por ahí uma pobre tola com uns papeis debaixo do braço pedindo a todo o mundo que lh'os assigne. E' uma mania. E varios individuos aproveitam-se d'essa circumstancia para escrever nos papeis quantas indecencias lhe veem a cabeça.

O sr. commissario de policia não sabe nada de codigos. E por isso d'aquí lhe dizemos que as brincadeiras d'esses *sucios* constitue um delicto previsto e castigado no Codigo Penal. Ora faça o sr. commissario vigiar a mulher, apanhe um dos dictos *sucios*, faça-lhe reconhecer a letra, e entregue o caso ao poder judi-

cial, como offensa á moral publica e aos bons costumes.

O sr. commissario não quereá que um papel d'aquelles vá parar, por um acaso, ás mãos de sua esposa por exemplo.

Faça respeitar a dignidade d'esta terra. Trate de civilisar, isto, sr. commissario, ou tem que nos ouvir d'aquí por deante duas vezes por semana, até levarmos a sua incompetencia junto do proprio sr. ministro do reino, se necessario fór.

E olhe que tantas vezes vac o cão ao moinho até que lá lhe fica o focinho.

Ora pois.

Enfermo

Acha-se gravemente enfermo o pae do sr. engenheiro Mattos. Tambem se encontra doente um irmão d'aquelle distincto funcionario, que fracturou uma perna quando descia do americano em Mathosinhos.

Sentimos os incommodos d'aquelles cavalheiros, e folgámos com os seus allivios.

O crime das Trinas.—Aos beatos

A' irmã Collecta, um dos protagonistas do celebre crime das Trinas, foi na quarta-feira intimado despacho de pronuncia definitiva.

Um dos pontos mais importantes do processo é a petição de querella dada pelo delegado. E' um sudario monstruoso que fóra uma scena lugubre do crime, que escapou á fertil imaginação de Ponsou.

E todavia, tudo se passou na vida real de um mosteiro, casa de religião, na phrase peculiar do beaterio.

«Mostram os autos, como dito fica, que Sarah foi victima de *ingestão de bi-oxalato em solução diluida*, e que esta substancia, que poderia dar a morte, como deu, lhe foi administrada por Rosa de Oliveira, a irmã Collecta do recolhimento das Trinas, solteira, natural de Santa Maria do Prado, comarca de Villa Verde, e irmã *hospitaleira* no referido recolhimento, onde morava ao tempo da prisão, com a intenção de attentar contra aquella vida, como manifestam, além d'outros factos constantes dos autos, os seguintes, que procederam, acompanharam e succederam ao crime.

1.º—O facto de Rosa d'Oliveira afastar a cama de Sarah da de sua amiga predilecta, Joaquina, com o pretexto de evitar conversas de noite d'aquella para esta, e sem duvida com o fim de não haver confidencias, ou, pelo menos, de as contrariar (fl. 332 verso).

2.º—Fazer partir subitamente para Azurara, na tarde de 17 de julho ultimo, a referida Joaquina, dia em que Sarah lhe annunciou, na classe de escripta, uma confidencia, que por tal motivo não fez e cujo annuncio não é de presumir deixasse de ser percebido, attendendo á vigia que tem pelas educandas (fl. 331 verso).

3.º—Munir-se com o que disse ser purgante, no dia 13 de julho, isto é, dez dias antes do crime, com o fim, dizia, de dar á educanda Maria das Dores; e, não lh'o ministrando, longo de o ir arrecadar no frasco d'onde disse o tinha tirado, *guardal-o intacto*—como affirmam em um *armario de que só ella tinha a chave* (fl. 177 e 180 e sua propria confissão).

4.º—O seu temperamento nervoso e sensível a ponto de não poder ser enfermeira, logar que pouco tempo exerceu, e, comtudo, só-o tão espontaneamente de Sarah (fl. 1886.)

5.º—Fazer deitar Sarah, na noite que precedeu o crime, *na casa das Talhas*, casa isolada, separada do dormitorio, sem conforto, contra o uso e costume, tirando-a assim da propria cama onde tinha melhor ar e luz, além da companhia das demais educandas (sua propria confissão.)

6.º—Dias antes ter dito á Supe-

riora que seria necessário dar um purgante a uma menina que talvez fosse Sarah, segundo aquella diz, sem contudo ella se lhe queixar; e tanto que não o participou ao seu protector (fl. 181.)

7.º—Ordenar a Sarah que ficasse de cama e dar o purgante ás seis horas quando todas se levantavam ás cinco e meia, procurando assim o ficar só, como ficou, estando apenas Clélia, irmã de Sarah, de quem em breve se desembarçou (sua propria confissão fl. 192.)

8.º—Não consultar a *Superiora geral* sobre a ministração do purgante (sua propria confissão fl. 192.)

9.º—Não ser possível a desculpa que pretende, o engano ou troca involuntaria dos frascos, em vista dos respectivos rotulos serem grandes e escriptos em magnificos caracteres, a boa ordem dos mesmos frascos no armario, e a certeza que ella tinha do logar de cada um (fl. 148.)

Deitar no copo *bi-ocato* de *potassio*, que victimou Sarah, substancia que se verificou ter lá existido e que não podia ser tirada dos frascos d'onde disse, por elles contem outros diferentes (Exame de fl.—*analyse toxicologica*.)

11.º—Dar o purgante que fosse, a Sarah, sem consulta d'alguem e sem causa que o justificasse.

12.º—Apoz o purgante, que disse dar, vêr a afflicção de Sarah e sair descançada, apesar do seu temperamento sensível (sua confissão fl. 319) para uma reza, deixando-lhe por vigia uma educanda (fl. 46.)

13.º—Mudar, *ella só*, Sarah da cama onde propositadamente a tinha deitado, *na casa das Talhas*, para outra no dormitorio (sua propria confissão.)

14.º—Arrecadar o copo e só entregar-o quando recebeu ordem d'isso (sua propria confissão fl. 319.)

15.º—Voltar um quarto de hora depois, e, apesar da educanda assistente lhe affirmar que Sarah dormia, chamal-a e levantar-lhe a cabeça (fl. 48 e sua propria confissão fl. 319 verso)—indo assim despertar uma doente que tão afflicta viria um quarto de hora antes, e que não podia deixar de preannir estivesse dormindo, se tivesse a consciencia de lhe não ter ministrado nada nocivo.

16.º—Reconhecer a morte de Sarah, manifestar a consciencia da sua culpa pelos rigores de—*Leveme, minha mãe, d'aqui para fóra! Agora o que dirão!* etc.—e apesar d'isso ir immediatamente para Bemfica! (fl. 146 e 175.)

17.º—Não chamar o capellão que não podia ignorar que a essa hora estava no Recolhimento, por ser a hora da missa, e até porque n'essa occasião elle fóra sacramentalmente *irmã*, para ao menos procurar uir Sarah. (fl. 342 verso.)

18.º—Ter já presenciado um desmaio em Sarah, e, longe de admitir que ella, se não estivesse dormindo, estaria desmaiada, começar logo a gritar que estava morta (fl. 146 e 175.) Como conhecer tão de prompto tal se não soubesse o effeito da substancia que ministrou?!

19.º—Não chamar logo o medico, o que appareceu depois das oito horas, isto é, hora e meia depois da morte ter fulminado Sarah; (fl. 49 verso) e, contudo, elle estar bem perto na occasião, pois se encontrava na missa do convento.

20.º—Mandar chamar as *irmãs*—Piedade e Trindade—ordenando á educanda, unica assistente, que se retirasse. (fl. 49.)

21.º—Levar consigo para Bemfica a irmã de Sarah, que n'esse dia devia guardar no Recolhimento, como seria o desejo d'ella.

22.º—Fazer substituir o lençol em que Sarah vomitou, de fórma que quando chegou o medico já estava outro (fl. 49 verso.)

23.º—As suas contradicções com respeito á substituição do lençol, nos differentes interrogatorios no commissariado e em juizo..”

Fazendas de Inverno

Chamámos a attenção dos leitores e amigos para o annuncio que hoje publicamos no lugar competente, do estabelecimento do nosso amigo sr. João Pinto de Miranda.

O mar tem estado muitissimo ruim e portanto inacessivel aos trabalhos das companhias.

Ao sr. commissario de policia

Ha dias chamámos a attenção da auctoridade competente para a exploração que se dá na praça do peixe, onde é todos os dias exposta á venda pesca inteiramente estragada, mas que todavia, á falta de outra melhor, encontra consumidores nas classes menos abastadas.

Já se vê que n'estes e outros assumptos de identica ordem publica, á policia compete interferir, e até hoje, esta ainda se não importou com um assumpto que se prende com a saude, e a pesca pôde continuar a ser vendida e por bom preço.

Ao sr. commissario de policia levámos novamente a queixa. S. s.ª pôde distrahir alguns momentos das suas *cavalgadas* e prestar attenção ao que é de sua competencia e dever official. Lucravam com isso o seu descredito de calção desastrado que ó, no *sport* dos ciganos, e o serviço importante da hygiene publica.

Esperámos nos poupe ao incommodo de voltarmos a chamar os cuidados de s. s.ª para o que se passa na praça do peixe.

Vindimas

Dizem da Bairrada que a colheita vinicola d'este anno foi mais abundante do que a do anno passado, e que a qualidade do vinho é tambem superior.

Costa Nova

Escrevem-nos d'esta praia que é alli notada a ausencia de balthistas da região vinhateira da

pelos lugares onde resida, espreital-a, surprehendel-a! Sim, é isto, é esta inacção que me dá febre e me irrita.

—Pois bem, partâmos para Bangalore.

—Tu não duvidas de nada, bravo Naik, diz o marquez sorrindo-se; então eu hei de desertar do meu posto, deshonrar-me, merecer o desprezo e a morte?

—Então, deixe-me partir. Tratarei de me introduzir no palacio d'ella, e dar-lhe-hei todas as informações.

—Não, não, não, tres vezes não. Que mais queres dizer? O que viria a ser de mim, sem a tua companhia! Ah! quando eu penso que a tive em meus braços sem ter a consciencia d'essa felicidade! continuava escendendo o rosto com as mãos.

Naik diligenciou socegal-o balthoçando suavemente a rede como se embalasse uma creança.

Bairrada, que todos os annos affluem áquella praia n'esta epocha.

Attribue-se a demora ás vindimas, que em grande numero estão ainda por fazer e ao envasilhamento do vinho que se acham nos lagares. Conta-se por isso que essa colonia só alli chegou no proximo mez de novembro.

Seria bom que a camara municipal de Aveiro decidisse, emfim, o local definitivo da sepultura do malgrado operario Jeronymo Salgado. Ha que tempos que estão preparados os materiaes para a execução da obra e que importaram até em quantia superior á subscripta, sem que se tenha podido arrumar com ella pelos projectos d'alterações successivas que a camara tem feito sobre os terrenos de cemiterio.

Seria bom assentar-se definitivamente sobre isso.

Fôro original

A camara de Manteigas paga ainda hoje á de Gouveia o fôro de um copo d'agna, tirada á meia noite da vespera de S. João, no charfíz de S. Pedro.

A'quella hora vae o secretario da camara, acompanhado de tres homens, ao charfíz, enche o copo e entrega-o aos companheiros, que o levam á camara de Gouveia antes de nascer o sol, para esta passar o competente recibo.

A revolução do Chili

Valparaiso, 12.—Os representantes das diversas potencias já reclamaram ao governo provisório as indemnisações por perdas e danos soffridos pelos seus nacionaes durante a guerra civil.

As reclamações dos subditos inglezes elevam-se de 50 a 60 milhões de dollars, em que entram especialmente as reclamações de duas companhias, a das explorações das minas do nitrato e a das construcções do caminho de ferro que, allega, soffreu muito durante o bombardeamento de Iquique.

Reclamam tambem indemnisações diversas casas de commercio prejudicadas pela batalha de Placilla, pela detenção dos vapores da companhia do Pacifico e de outros navios mercantes.

O consul italiano tambem apresentou algumas reclamações, que se elevam a 3 milhões de dollars.

Emfim, as reclamações feitas ao governo revolucionario attingem sommas tão fabulosas e são de procedencia tão extraordinaria, especialmente as que os inglezes fazem, que o ministro das relações exteriores parece ter exclamado: “O Chili, vendido a peso de ouro, não chegaria para satisfazer mediocremente o appetite d'esses senhores!”

Falta de pesca

Tem sido grande a escassez de peixe fresco em o nosso mercado.

Os pescadores queixam-se de que com a malha auctorizada pela lei pouco peixe colhem, e mui-

—Existem certas plantas mysteriosas, dizia a meia voz, com que se faz uma beberagem que realisa, quando se sonha, os desejos que se tenham; procurarei essas plantas, e farei a beberagem. Verá como a divina Maya o ha de visitar.

—Serás tu feiticeiro? interrogou o marquez; n'esse caso fabrica antes um philtro que a torne doida d'amor por mim.

—Existem effectivamente esses philtros; mas é um crime servir-nos d'elles. Todavia commetterei o sacrilegio para lhe agradar. E' preciso, primeiro, para se obter bom resultado, esperar a epocha em que as salamandras fazem amor.

—Com que seriedade me dizes isso! exclamou Bussy, rindo-se a bandeiras despregadas; tu, que tens o espirito tão lucido e livre de prejuizos, como podes acreditar em semelhantes trapalhadas?

—Meu senhor, a natureza está cheia de mysterios, diz Naik com

tos não querem modificar as suas redes.

De Lisboa continua chegando pescaria salgada, que é rapidamente consumida por bom preço.

Já appareceram no mercado castanhas novas.

O que são as touradas

Opinião de um jornal hespanhol acerca das touradas:

Em todas as corridas de touros apparecem tres feras que são estas: o touro, o toureiro e o publico.

O grau de brutalidade de cada um d'estes brutos pôde calcular-se pelo seguinte:

O touro é obrigado.

O toureiro obriga-se.

O publico vae por um acto espontaneo da sua soberana vontade e, ainda em cima, dá dinheiro. Observae bem esta gradação:

O touro provocado defende-se.

O toureiro, fiel ao seu compromisso, toureia.

O publico... diverte-se.

No touro ha força e instincto.

No toureiro, valor e dextreza.

No publico não ha senão brutalidade.

CARTA

Do nosso amigo o sr. João Miranda, recebemos a carta que se segue:

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.—Em resposta a uma carta que li no seu illustrado jornal, firmada pelo sr. padre Jorge de Pinho Vinagre, digno regente da phylarmonica *Aveirense*, cumpre-me simplesmente declarar, que auctorisei os cavalheiros que assignaram o officio em que propunham um certamen entre as duas phylarmonicas a tratarem com s. s.ª sobre o assumpto. Além d'isso, ainda declaro mais, que auctorisei, por achar perfeitamente eguaes para as duas phylarmonicas, as condições exaradas no alludido officio.

Por a publicação d'estas linhas lhe fica muito agradecido, o que se confessa

De v., etc.,

Aveiro, 17 de outubro de 1891.

João Pinto de Miranda.

Foi aposentado no lugar de porteiro do governo civil de Aveiro com a pensão annual de 150\$000 réis, o sr. Manuel Amaro de Carvalho.

Economias...

O thesouro de Balmaceda

A chegada a Inglaterra do vapor *Espiegle*, permittiu que se publicassem informações acerca do thesouro de Balmaceda, o ex-presidente do Chili.

Segundo parece o capitão Clark, recebeu ordem telegraphica; enquanto estava fundeado no porto de Coronel, para se preparar a fim de receber a seu bordo, em poucas

toda a gravidade, e nós passámos ao lado das maiores maravilhas sem dar por isso, porque, para os nossos sentidos imperfeitos, cobre-as um duplo véu; mas ha sabios, que á força de virtude, e d'absorção n'un mesmo pensamento, teem penetrado esses segredos e desvelado os mysterios.

—Como é tua convicção, tempo perdido é querer contrariar-te, diz o marquez. Em que epocha as salamandras fazem amor?

—No principio do mez de Tchitar.

—Estamos ainda distante! Enquanto vamos esperando, diz-me o nome do principe de Dekan, que deve desposar a rainha, para que eu possa reconhecê-lo, caso eu venha a encontrá-lo.

—O seu nome é Sayct Mahamet Khan Asséf Daula Bahadur Salabet Cingh.

—Arre, diabo! que comprido!

—A maior parte são titulos; é

horas, uma porção de barras de prata.

Estas barras chegaram, effectivamente, de Santhiago pelo caminho de ferro, sendo guardadas por uma escolta, sob o commando de um official.

Eram 338 barras, equivalentes a 110:000 libras sterlinas, e foram depositadas pelos marinheiros no *Espiegle*, o qual sahiu d'alli no dia 21 de julho, chegando a Montevideo a 15 de agosto. N'aquelle porto foram transportadas para o navio inglez *Moselle*.

Diz-se tambem que o capitão recebeu 15:000 libras, sendo metade para elle, e a outra metade para o commandante naval do Pacifico, e para o hospital de Greenwich, em partes eguaes.

Mais navios

Dois negociantes d'esta praça vão mandar construir outro navio nos estaleiros de Fão.

Este centro maritimo vae-se, pois, levantando do abatimento em que cahira.

—Proximo á ponte do João Calancho, em Ilhavo, está muito adeantada a construcção de uma chalupa, cujos proprietarios são d'aquella villa.

Um jornal de Lisboa diz que o sr. ministro da fazenda ordenou que não sejam inscriptos como agiotas, em virtude da portaria de 20 de julho d'este anno, os negociantes e companhias, que tiverem necessidade de comprar libras para satisfazer os seus compromissos no estrangeiro.

FUNDAS BARATAS

PARA HOMEM E CREANÇA

Mamadeiras, Borrachas, Suspendórios, Perfumarias

Sabonetes muito baratos
a 40, 50, 120, 140

Só na Pharmacia Central, de Francisco da Luz & Filho.

A VEIRO

Emulsão de Scott

Vianna do Castello, 16 de Maio de 1886.

III.ªs Srs. Scott e Bowne.

Tenho empregado (e espero continuar) a Emulsão de Scott nos soffrimentos originarios do nutrição insufficiente ou alterada, taes como escrofulose, tuberculose, anémia, chlorose, diabetes, etc. O preparado, de aspecto agradável e geralmente bem recebido pelos doentes, foi geralmente uma boa aquisição para a pratica. Os seus effeitos parecem corresponder á sua composição.

Polycarpo Antonio Esteves de Galião, Medico-Cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto, Cirurgião-Mór de Infanteria, etc.

Annuncios

João Pinto de Miranda

participa aos seus amigos e freguezes que já lhe chegaram magnificas fazendas d'inverno.

conhecido, todavia, pelo principe Sale Cingh, o Leão terrivel.

—E' novo ainda?

—Apenas vinte annos.

—Bonito?

—Nunca o vi, meu senhor, diz Naik; nada sei acerca d'elle.

—Nem mesmo onde reside?

—Ignora-se; elle foge do velho Nisam-el-Moluk com receio dos assassinos e do veneno.

—Porque será isso? Tem muitos inimigos?

—Não; mas em redor dos thronos é sempre assim. O subab conta mais de cem annos, e diz-se que a successão será disputada.

—Então, o meu rival chama-se o Leão terrivel, proseguiu Bussy após um instante de silencio, tem vinte annos, é principe, e ha de ter a esperança de ser o senhor de um dos mais bellos reinos do mundo. Que quantidade de vantagens sobre um simples capitão de voluntarios.

(Continúa.)

—A acreditarmos as lendas, ha thesouros escondidos á sombra de todas as arvores, em todas as ruinas, diz Naik rindo-se; mas em geral os que as procuram morrem na miseria.

—N'esse caso, procuremos outra coisa, suspirou Busey. Ah! vês tu, hoje é mau dia, não tenho força de lutar contra esta loucura que se apodera de mim, que nem me deixa occultar de ti. Sentir-me preso! não poder tentar qualquer coisa, ou approximar-me d'ella, rondar

MACHINAS



SINGER

PARA COSER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÊIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO — 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79 — AVEIRO

E em todas as capitães dos districtos

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande sortimento de livros para lyceus e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Alburns para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis communs e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pincois, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Collecção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

Mercearia e Salchicharia

LARGO DO PHAROL

BARRA

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES, participa aos seus ex. mos freguezes e amigos que abre nos principios do mez de agosto proximo, conforme o costume do anno anterior, na praia da Barra, uma succursal do estabelecimento que tem n'esta cidade, onde encontrarão todos os artigos de mercearia e salchicharia, e conservas, bolacha, biscoitos tanto nacionaes como estrangeiros, vinhos engarrados, licores, cognacs, bebidas brancas, cerveja engarrada, xaropes, gazona e refrigerantes, etc., etc., etc. Um completo sortido em artigos proprios para brindes. Tabacos espezias em charutos e cigarros.

OS ELEPHANTES

POR

Frederico A. Pereira

Consul de Portugal em Siam

Livro illustrado e interessantissimo, constituindo uma bella leitura para creanças e para adultos.

A educação, costumes, intelligencia e aptidões do elephante são da mais alta sympathia

Preço, 200 réis.—Livraria Portuense, editora.—Em todas as livrarias.

BAPTISTA DINIZ

OS CRIMES DOS CONVENTOS

Romance em 2 volumes

Condições da assignatura — Em Lisboa, 50 réis cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, pagos no acto da entrega; no resto do paiz, 5 fasciculos ou 25 folhas, 250 réis, pagos adeantadamente.

As capas para os dois volumes são distribuidas gratuitamente, formando assim um lindo brinde a todos os assignantes.

Bibliotheca Liberdade, de Fernandes & C.ª, rua da Palma, 4, 2.ª—Lisboa.

VICTOR HUGO

HISTORIA D'UM CRIME

Obra illustrada com magnificas gravuras de pagina

TRADUÇÃO DE

UM EMIGRADO POLITICO

Condições da assignatura

A HISTORIA D'UM CRIME, será dividida em 3 bellos volumes, em 8.º grande, illustrados, e nitidamente impressos.

A distribuição será feita com a mais escriptura regularidade, nos dias 1, 10 e 20 de cada mez, em fasciculos de 48 paginas, ou 40 e uma bellissima gravura, custando cada fasciculo a modica quantia de 100 réis, em todo o reino e ilhas adjacentes.

No Porto e Lisboa, e em todas as terras onde a Empreza tiver agentes, o pagamento será feito á entrega de cada fasciculo.

Nas terras onde a Empreza não tiver agentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter adiantadamente a importância de um ou mais fasciculos, em estampilhas, vales do correio, ou ordens de facil cobrança.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a JOAQUIM IGNACIO SARAIVA, editor, — 272, rua do Bomjardim, 274—Porto.

OFFICINA

DE

SERRALHERIA

Rua do Alfena (lado sul)

AVEIRO

MANUEL FERREIRA previne os seus amigos e freguezes que terminou com a sociedade que tinha com o seu ex-socio Quaresma e continúa com a sua nova officina, defronte da antiga, onde executa com a maxima perfeição toda a qualidade d'obra concernente á sua arte, taes como: fogões, cofres, gradeamentos, portões, camas de todos os feitios, lavatorios, etc., etc., garantindo a modicidade de preços e promptidão.

Almanach dos Theatros

Para o anno de 1892 (3.º de publicação)

Ornado com os retratos e perfis biographicos das actrizes Barbara, Amelia da Silveira, e dos actores Mattos (do Brazil) e Dias. Contendo, além d'outras, as mais festejadas coplas da peça phantastica «O Reino dos Homens» e da opera comica «O burro do sr. Alcáide», e a brilhante canção do «Assobio»; monologos, poesias e varias produções humoristicas, satyricas, etc., etc. Dirigido por F. A. de Mattos.

Preço, 100 réis. Pelo correio, 110 réis. Remette-se a quem enviar a sua importância á administração da empresa «O Recreio», rua da Barroca, 103, Lisboa, ou a qualquer livraria e mais lojas do costume.

Joaquim José de Pinho

ALFAYATE E MERCADOR

ARCOS DE ANADIA

FILIAL EM AVEIRO: — Rua de Anselmo Braamecamp (antiga rua da Costeira)

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chales pretos e de cor. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimento. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Na filial ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade.

Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes. Especialidade em gabões.

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

ARMAZEM DE DROGAS

DE

Joaquim M. P. Falcão

42, R. N. DO ALMADA, 44

LISBOA

Artigos para fabricas de lanificios, cortumes, louças e outros

Importação directa

LICOR DEPURATIVO VEGETAL

DO

MEDICO QUINTELLA

Premiado na exposição industrial do Palacio de Crystal do Porto de 1887 e universal de Pariz de 1889 com os diplomas de menção honrosa

ESTE notavel depurativo do sangue, já tão conhecido em todo o paiz, encontra-se em Aveiro, na Drogaria e Pharmacia Central de FRANCISCO DA LUZ & FILHO. Dá-se gratis um folheto, em todos os depositos, onde se prova, pelas experiencias feitas nos hospitaes e recolhimentos particulares, que é infallível em todas as manifestações rheumaticas, syphiliticas, escrophulosas e de pelle, como tumores, ulceraes, dores rheumaticas, osteocaps nevrálgicas, blenorragias, caneros syphiliticos, inflamações visceraes de olhos, nariz, ouvidos, garganta, intestinos, etc., e nas doencas determinadas por saturação mercuria.

PILULAS PURGATIVAS VEGETAES DO MEDICO QUINTELLA

Estas magnificas Pilulas são não só destinadas a auxiliar o Licor Depurativo Vegetal, mas constituem tambem um purgante suave e excellente contra as prisões do ventre, affecções hemorroidarias, padecimentos do figado e difficis digestões, etc.—Caixa de 30 pilulas, 500 réis.

Deposito em Aveiro — Drogaria e Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

EMULSÃO DE SCOTT

De Oleo Puro de FIGADO DE BAGALHAO COM

Hypophosphitos de Cal e Soda.

É tao agradável ao paladar como ao leite.

Possue todas as virtudes do Oleo Simples de Figado de Bacalhao e tambem as dos Hypophosphitos.

Cura a Phthisis;
Cura a Anomia;
Cura a Debilidade em Geral;
Cura a Ecorofula;
Cura o Rheumatismo;
Cura a Tosse e Seções;
Cura o Rachitismo das Creanças.

É recetada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradável, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

LA GUAIRA, VENEZUELA, 21 Jan., 1884

SNRS. SCOTT & BOWNE, NEW YORK:

Dedicado ao estudo e tratamento das enfermidades da infancia tenho tido opporunidade nos doze annos da minha pratica para empregar as preparações das quaes o oleo de figado de bacalhao é a base principal, e poucas vezes tenho obtido tão bons resultados como com a Emulsão de Scott. Por exito tão brilhante felicitto a Vs. Srs. e tambem a sciencia que tem hoje nesta Emulsão um agente poderoso para batalhar contra o rachitismo nas creanças debilitadas em geral e escrofula, enfermidades tão frequentes neste paiz.

DR. FRANCISCO DE ASSIS MEJIA,

Medico de Saude do porto.

SANTIAGO DE CUBA, 2 de Abril, 1884

SNRS. SCOTT & BOWNE, NEW YORK:

Meus SRS.—Offereço a Vs. Srs. minhas congratulações de terem sabido reunir neste oleo as vantagens de ser inodoro, agradável ao paladar, e de muita conservação. Os seus resultados therapeuticos, particularmente nas creanças, são maravilhosos. Com este motivo tenho muito prazer de publical-o. Sou de Vs. Srs. S. S. Q. B. S. M., DR. AMBROSIO GRILLO.

Avenda nas boticas e drogarlas.

Novo Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico, mythologico, etc.

Compilado por Francisco de Almeida

Condições da assignatura: — O

Novo Diccionario Universal Portuguez contém 2:424 paginas, divididas por dois volumes. A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas. Os srs. assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe da qualquer numero de entregas.

Preço de cada entrega, 120 réis. Fechada a assignatura, o preço será augmentado com mais 20 p. c.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares & Irmão, largo de Camões, 5 e 6—Lisboa.